

CLIPPING IMPRESSO

26/04/2020

INDICE

1. JORNAL O IMPARCIAL	
1.1. JUÍZES.....	1
2. JORNAL PEQUENO	
2.1. ASSESSORIA.....	2
2.2. CNJ.....	3
2.3. DESEMBARGADOR.....	4
2.4. JUÍZES.....	5
2.5. PRESIDÊNCIA.....	6
2.6. VARA DA INFÂNCIA E JUVENTUDE.....	7 - 8

Nunca haverá ponto final

OSMAR GOMES DOS SANTOS

Juiz de Direito da Comarca da Iha de São Luís. Membro das Academias Ludovicense de Letras; Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras

A vida é cheia de surpresas. Posso compará-la a um grande palco perante o qual sentamos e aguardamos por um espetáculo, cujo roteiro nos traz uma única certeza e imprevisíveis acontecimentos. A peça é iniciada, momentos cômicos, trágicos, tensão, emoção, alegrias e tristezas. De repente, a surpresa! Aquele ponto culminante pelo qual ninguém espera, mas sabe que ocorrerá...

Não posso me furtar à grande surpresa da semana, não só para mim, mas para milhares de pessoas, como foi possível constatar. Sobre um leito de UTI, um último suspiro indicava que aquele seria o Ponto Final da luta entre um dos maiores comunicadores do Maranhão e as consequências da covid-19...

Internado por outro motivo, foi acometido pela doença, com fortes sintomas, veio posteriormente a confirmação. Lutou bravamente, venceu uma batalha. Mas o vírus trouxe sequelas, que se agravaram a ponto de estender o período de internação. Era por volta das 19h da última terça-feira, no telejornal a notícia que ninguém queria receber...

Roberto Fernandes nasceu em Pernambuco, mas, para nossa sorte, radicou-se em São Luís. Aqui se formou em Comunicação e Direito, constituiu uma bela família, fez amigos e ganhou milhares de simpatizantes, tor-

nando-se ícone do Jornalismo no rádio e na televisão...

Trabalhou nas emissoras São Luís, EBC, Educadora e Mirante, esta última por pouco mais de 20 anos. Em sua profissão, transitou com propriedade nas searas política, cotidiano e esportiva. Nesta última, teve participação como comentarista em transmissões de jogos de futebol da Série B do Campeonato Brasileiro...

Por falar em futebol, era apaixonado pelo Moto Club de São Luís, clube que presidiu, e nunca perdia uma boa pelada entre os amigos e amava as competições amadoras, especialmente na AABB. Destacava-se dentro das quatro linhas não somente pela sua qualidade técnica, mas também pelo sempre polido e cordial tratamento dado aos colegas de time e adversários...

Retidão e respeito que, aliás, fazia parte de sua conduta de vida, fosse no âmbito familiar, fosse no profissional. Colocava paixão em tudo que fazia. Exemplo de pai e avô, uma verdadeira referência na seara jornalística, conquistando respeito de colegas de profissão, desde os mais jovens até os mais experientes. Praticamente unanimidade na opinião de todos aqueles à sua volta...

Parecia deixar de lado o sentimento no ofício de informar, afirmando sempre que deveria se pautar pela verdade dos fatos daquilo que era notícia, informação. Talvez sem saber estava ali, presente de forma pujante, toda sua emoção, a sua verdadeira paixão por fazer o bom e correto jornalismo. Pude comprovar isso nas oportunidades que tive de ser entrevistado por ele...

Discreto, ético, franco, íntegro, profissional. Daqueles profissionais que soube colocar todos os ingredientes do bom jornalismo, levando a notícia como ela é. Qualidades que o credenciam a ficar como um legado para colegas de profissão e estudantes de comunicação, notadamente aqueles da habilitação de Rádio e TV...

Não perde apenas o Grupo Mirante ou o Jornalismo nacional, mas a família e toda a sociedade, que ficará órfão da sinceridade de suas opiniões e comentários de todas as manhãs...

Já vi homenagens sendo feitas a outros profissionais. Justas, diga-se de passagem. Sem desmerecer quaisquer deles, Roberto Fernandes é daqueles que não merece apenas uma placa em uma sala ou auditório, mas sim no ponto alto da fachada de um prédio...

Comecei falando sobre um grande palco e assim encerro. Para Roberto Fernandes a vida era isso. Um grande palco sobre o qual se vive uma grande trama, com todas as emoções possíveis. Nesse jogo da vida, ele certamente vestia a bráçadeira de capitão, diretor e roteirista no cumprimento de uma missão honrada sempre com a cabeça erguida...

Ah, também falei de certeza. Ouso trazer mais uma antes de encerrar. A certeza de que sua história, seu legado, não terá Ponto Final. Seus ensinamentos serão seguidos por aqueles que, em tudo na vida, se dedicam com esmero e são conhecedores da sua verdadeira vocação neste plano concreto. Obrigado, Roberto Fernandes!

Justiça & Cidadania

Antonio Carlos Lua

acarloslua@folha.com.br



O papel da política e da ciência

No carrossel de contaminações pelo novo coronavírus no país, os brasileiros começam a entender que o melhor mesmo é ficar em casa e lavar as mãos continuamente a cada suspiro, mesmo com os péssimos exemplos do chefe da Nação, que foge de suas responsabilidades e faz pouco caso da pandemia, encorajando as pessoas a sair às ruas, num atentado à saúde pública.

É por isso que com ou sem razão, desconfiamos dos políticos e, agora, até mesmo da ciência, com a falta de respostas plausíveis aos inúmeros questionamentos sobre a força avassaladora da covid-19.

Até ontem, a ciência era a divindade de cujo poder celebrávamos, antes que o novo coronavírus desnudasse os seus insucessos, limites e atrasos, com o concerto desafinado dos virologistas, onde cada opinião se despedaça contra qualquer entendimento conflitante.

O último insulto à dignidade da ciência, no entanto, vem ainda da boca dos políticos, que na crise estão usando as incertezas dos especialistas como um para-brisa para não tomar as decisões certas e, assim, fazer aquilo que lhes agrada.

O fato é que sabemos pouco, realmente muito pouco, sobre o novo coronavírus, que atingiu, de forma muito violenta, o mundo inteiro. Após vários meses de sua chegada ao Brasil, ninguém diz exatamente a sua fonte, se foi em um mercado ou em um laboratório de Wuhan, na China.

Continuam desconhecidos os números reais do contágio e a possibilidade de reincidência para quem se curou, assim como o tempo de incubação.

Não se sabe também se o vírus permanece no ar em suspensão, por quanto tempo, em que porcentagem.

Os virologistas não esclarecem se o vírus teme o calor, se no verão é mais fácil derrotá-lo, qual é a distância social a ser observada, se os animais de estimação são uma fonte de contágio. Até aqui, falta uma vacina, mas também falta um teste sorológico confiável. Falta também uma terapia substitutiva.

Deve ser pela quantidade de dúvidas que zunem nas nossas cabeças que as nossas instituições médicas chamaram às suas cabeceiras todos os duvidosos. Daí a pletera de comissões, comitês, consultores. As estimativas estão viciadas por padrão.

Surge disso uma lição dupla sobre o papel da política e da ciência. O novo ministro da Saúde, Nelson Teich, por exemplo, procura o “sim” de um cientista para acabar com o isolamento social.

Ele sabe que a discórdia da comunidade científica permite ao político escolher o que vai fazer por conta própria. Se acertar a decisão, depois se apossará de todo o mérito. Caso contrário, a culpa será toda dos especialistas.

Em 2016, a revista ‘Nature’ revelou que mais de 70% das pesquisas científicas falham nos testes de reprodutibilidade. Sendo assim, talvez seja importante também levarmos em conta a opinião dos economistas, dos sociólogos, dos juristas, dos psicólogos, em tempos clausura.

É necessário que não nos enganemos com as informações incompletas

e tóxicas que ocultam a crise com a presença do novo coronavírus. O discurso travestido de defesa da vida é insuficiente e soa como hipocrisia, quando o Governo Federal usa a pandemia para tentar implementar o estado de exceção, priorizando a morte em lugar da vida.

Em meio a crise, a ciência talvez precise de um banho de humildade. Afinal, ela possibilitou o desperdício dos recursos naturais, a poluição, o aquecimento global e, talvez, até mesmo essa própria pandemia, como revelou o cientista francês e prêmio Nobel de Medicina, Luc Montagnier. De acordo com o cientista Luc Montagnier, o novo coronavírus foi fabricado artificialmente em um laboratório chinês, provavelmente no segundo semestre de 2019. Ele fez essa declaração à rádio Fréquence Médicale.

Luc Montagnier afirmou que o laboratório de alta segurança da cidade de Wuhan, na China, é especializado nesse tipo de vírus – o coronavírus – desde o começo dos anos 2000.

O prêmio Nobel de Medicina disse que – assim como matemático Jean-Claude Perez, especialista em biomatemática – olhou de perto a sequência de RNA do vírus para fazer sua análise.

Um grupo de pesquisadores indianos publicou um estudo que mostra que o genoma completo do novo coronavírus possui sequências do HIV, o vírus da Aids. A descoberta surpreendeu ao revelar que esse vírus era exatamente o HIV. Após a publicação, o cientista Luc Montagnier fez questão de dizer que o mencionado vírus não é uma mutação de algum paciente com Aids. Ele afirmou que ele foi fabricado em laboratório a partir de um outro vírus, sendo lenda a história que o novo coronavírus teria vindo de um mercado de peixes de Wuhan, na China.

O prêmio Nobel de Medicina pela descoberta da Aids, em 2008, Luc Montagnier, disse que os chineses estavam desenvolvendo uma vacina contra a Aids, e usaram um coronavírus para isso. O coronavírus causador da Covid-19 teria então sido desenvolvido por acidente e se espalhou.

Para Montagnier, por ser artificial, o novo coronavírus tende a ser eliminado pela natureza com o tempo. Na costa leste dos EUA, estudos já demonstrariam que ele estaria atenuado, mas causaria ainda muitas mortes. O assunto ganha mais gravidade porque as autoridades chinesas têm coibido a divulgação de pesquisas sobre a origem do vírus, o que despertou dúvidas entre os cientistas.

O canal de notícias norte-americano ‘Fox News’ diz que o governo chinês suprime 100% dos dados, muda datas e destrói amostras sobre o coronavírus. As áreas contaminadas foram lavadas e as reportagens artigos acadêmicos sobre o surgimento do novo vírus foram apagados no país.

A embaixada americana em Pequim já teria alertado há algumas semanas para a necessidade de maior controle sobre o Wuhan Institute of Virology (WIV), o centro que seria responsável pelo vírus e que possui um laboratório de alta segurança, construído com a ajuda da França, chamado “P4”.

Há informações de que a equipe que estaria à frente da produção do novo coronavírus seria multinacional, incluindo verba americana. O novo coronavírus teria sido produzido a partir de um coquetel de vírus que inclui o HIV e o coronavírus presente em morcegos, uma especialidade do WIV. O assunto ganha mais gravidade porque as autoridades chinesas têm impedido a divulgação de pesquisas sobre a origem do vírus, o que despertou dúvidas entre diversos cientistas.

Sob essa nova política, todos os trabalhos acadêmicos sobre a covid-19 na China estarão sujeitos a verificação antes de ser permitida a publicação. Estudos sobre a origem do vírus vão receber uma atenção extra e deverão ser aprovados diretamente pelo governo central chinês.

Últimas Notícias

CNJ cria grupo para diminuir violência doméstica durante quarentena

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) informou neste sábado (25) que criou um grupo de trabalho para elaborar sugestões de medidas emergenciais para prevenir a violência doméstica. Segundo o órgão, a medida foi tomada após a confirmação do aumento dos casos registrados contra a mulher durante o isolamento social, em razão da pandemia do novo coronavírus

(covid-19).

O grupo vai elaborar um diagnóstico da situação e propor o aperfeiçoamento da legislação que trata do tema. Entre as recomendações, o CNJ destacou a adoção de medidas que garantam maior rapidez e prioridade no atendimento das vítimas de violência doméstica e familiar no Poder Judiciário.

José Luiz Almeida

Desembargador do Tribunal de Justiça do Maranhão. Escreve para o Jornal Pequeno aos Domingos, quinzenalmente / jose.lui.almeida@globom.com / www.joseluilmeida.com



Silêncio inteligente

A literatura é uma fonte inesgotável de inspiração. E foi exatamente nela que encontrei a inspiração para esse artigo: Dom Quixote de la Mancha, que revisito nesses dias de reclusão imposta pela ameaça do novo coronavírus. Para que não façam uma interpretação equivocada do sentido dessas reflexões, devo me antecipar dizendo que não prego aqui censura ou autocensura. Afinal, o silêncio oportuno e razoável é, também, uma forma de expressão.

O que almejo, tão somente, em face de determinadas lideranças – e aqui antecipo o sentido dessas reflexões – é que pratiquem o silêncio inteligente, ou seja, que falem somente o essencial e com muita responsabilidade; fora disso, nada mais razoável que o silêncio. Dito isso, à guisa de introdução, trago à colação, agora, para ilustrar, passagem inspiradora, em face dos dias atuais, da monumental obra de Miguel de Cervantes.

Pois bem. Em determinado momento, o estalajadeiro indaga do seu hóspede, no caso Dom Quixote, já suspeitando de sua falta de juízo, se trazia consigo dinheiro.

Don Quixote respondeu que não trazia nem um tostão porque nunca havia lido nas histórias dos cavaleiros andantes que algum o carregasse.

O estalajadeiro disse-lhe, então, que estava enganado, pois, a história nada falava certamente porque aos autores pareceu que não era preciso mencionar uma coisa tão clara e tão necessária de se levar, como dinheiro e camisas limpas, e nem por isso haveria de se acreditar que não os trouxessem.

Prossiguiu o estalajadeiro dizendo que decerto todos os cavaleiros

andantes, de quantos livros estão cheios e atulhados, levavam bem forradas as bolsas, para o que desse e viesse; “e que também levavam camisas e uma arca pequena com unguentos para curar as feridas que recebiam...”.

A lição que se pode tirar dessa passagem da obra extraordinária de Miguel de Cervantes, trazendo-a para os dias atuais, nos quais defrontamos com uma pandemia que já roubou a vida de milhares de irmãos em todo o planeta e onde vicejam manifestações ignorantes, é que, dada a sua obviedade, não precisaria lembrar aos homens públicos, máxime aos que têm papel de destaque, que eles não podem delirar, que não podem escarnecer a ciência, que não podem assumir posições pensando apenas em seus interesses pessoais ou no seu projeto de poder, como o fez – e faz –, por exemplo, o ex-ministro Osmar Terra, que, em rota de colisão com a ciência, terminou por perder a pouco credibilidade que ainda tinha.

Nessa toada, é de relevo anotar que dos homens públicos, sobretudo dos que exercem, com sua fala e suas pregações, certo fascínio em parcela expressiva da sociedade, espere-se, sempre, como um imperativo inescapável, bom senso, sensatez e equilíbrio, e que não se deixem levar pela solerte preocupação com eventuais vantagens que possam ser alcançadas em face de determinadas circunstâncias da vida, como se constata, nos dias atuais, em face da tragédia que assola o mundo decorrente da Covid-19.

Tenho dito que, nas conversas informais, no restrito ambiente familiar, nas rodas de bate-papo, numa rodada de cerveja, numa mesa de bilhar, num carteador,

ou em qualquer outro ambiente, todos podemos – conquanto não devêssemos! –, até, delirar um pouco; podemos falar bobagens, dizer asneiras, porque, nessas circunstâncias, das bobagens e das asneiras ditas não resultam maiores consequências.

Todavia, o delírio, as palavras inoportunas, o dizer sem pensar, sem medir as palavras não são aceitáveis, por óbvio, quando proferidas por um líder qualquer, porque o delírio e as palavras ditas sem pensar, sabidamente, podem, sim, exercer certo fascínio em expressiva parcela da população. Daí que, em situações que tais, recomenda o bom senso que o líder busque o silêncio inteligente, que, repito, é, sim, uma forma de expressão, como antecipei no início dessas reflexões.

O homem – e nesse sentido não escapa o líder –, tem-se dito, é dono do que cala e escravo do que fala; mas não só isso. Ele é, também, responsável pelas consequências do que diz e, nesse sentido, tratando-se de uma liderança, precisa pensar antes de falar.

Se as palavras têm poder, como ensinam os sábios, é de rigor que todos devamos ter prudência e descortino no falar, dada as suas consequências.

É preciso saber a hora de falar e de calar.

Assim sendo, quando não temos formação profissional em determinada área do conhecimento, não é recomendável que nos deixemos levar pelo instinto ou pela vaidade para sair por aí, num microfone ou nas redes sociais, dizendo e escrevendo bobagens, espargindo mentiras e enganando as pessoas. Na atual conjuntura, mais do que nunca, é preciso ter cuidado com as palavras; essa conclusão não é

minha, mas de todos os que têm bom senso.

Por tudo que temos testemunhado nos dias presentes, é cada vez mais importante que as pessoas que tenham o mínimo de bom senso advirtam, lembrem aos açodados e descomprometidos de que a verdade não pode ser solapada para satisfazer às idiosincrasias de ninguém; e isso serve, no mesmo passo e na mesma dimensão, para os disseminadores de fake news, muitas das quais pensadas para confundir, sobretudo ao cidadão incauto, que, por conveniências e interesses pessoais, se deixa levar por falsas informações, replicando-as nas redes sociais, disso resultando consequências muitas vezes imprevisíveis.

A responsabilidade pelo silêncio inteligente é de todos nós.

Ademais, a nenhum de nós é dado o direito de, numa situação tão grave como a que nos encontramos, falar bobagens e espalhar fake news na esperança de influenciar os acólitos fanatizados pela refrega política. Se a prudência recomenda que, nos dias em que vivemos, nós, cidadãos comuns, não disseminemos bobagens pelas redes, em face de suas consequências, como muito mais razão deve silenciar quem exerça uma liderança.

Aquele que não for capaz de agir com bom senso e equilíbrio em face dos momentos difíceis pelos quais passa a humanidade, que seja capaz, pelo menos, de colocar em prática o que denomino de silêncio inteligente. Afinal, como dizia Albert Einstein, a estupidez humana e o universo são infinitos, e nada pior para combater a Covid-19 que a estupidez do homem.

É isso.

Osmar Gomes

Juiz de Direito da Comarca da Ilha de São Luís, membro das academias Ludovicense de Letras, Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras.



NUNCA HAVERÁ PONTO FINAL

A vida é cheia de surpresas. Posso compará-la a um grande palco perante o qual sentamos e aguardamos por um espetáculo, cujo roteiro nos traz uma única certeza e imprevisíveis acontecimentos. A peça é iniciada, momentos cômicos, trágicos, tensão, emoção, alegrias e tristezas. De repente, a surpresa! Aquele ponto culminante pelo qual ninguém espera, mas sabe que ocorrerá...

Não posso me furtar à grande surpresa da semana, não só para mim, mas para milhares de pessoas, como foi possível constatar. Sobre um leito de UTI, um último suspiro indicava que aquele seria o Ponto Final da luta entre um dos maiores comunicadores do Maranhão e as consequências da covid-19...

Internado por outro motivo, foi acometido pela doença, com fortes sintomas, veio posteriormente a confirmação. Lutou bravamente, venceu uma batalha. Mas o vírus trouxe sequelas, que se agravaram a ponto de estender o período de internação. Era por volta das 19h da última terça-feira, no telejornal a notícia que ninguém queria receber... Roberto Fernandes nasceu em Pernambuco, mas, para nossa sorte, radicou-se em São Luís. Aqui se formou em Comunicação e Direito, constituiu uma bela família, fez amigos e ganhou milhares de simpatizantes, tornando-se ícone do Jornalismo no rádio e na televisão...

Trabalhou nas emissoras São Luís, EBC, Educadora e Mirante, esta última por pouco mais de 20 anos. Em sua profissão, transitou com propriedade nas searas política, cotidiano e esportiva. Nesta última, teve participação como comentarista em transmissões de jogos de futebol da Série B do Campeonato Brasileiro...

Por falar em futebol, era apaixonado pelo Moto Club de São Luís, clube que presidiu, e nunca perdia uma boa pelada entre os amigos e amava as competições amadoras, especialmente na AABB. Destacava-

se dentro das quatro linhas não somente pela sua qualidade técnica, mas também pelo sempre polido e cordial tratamento dado aos colegas de time e adversários...

Retidão e respeito que, aliás, fazia parte de sua conduta de vida, fosse no âmbito familiar, fosse no profissional. Colocava paixão em tudo que fazia. Exemplo de pai e avô, uma verdadeira referência na seara jornalística, conquistando respeito de colegas de profissão, desde os mais jovens até os mais experientes. Praticamente unanimidade na opinião de todos aqueles à sua volta...

Parecia deixar de lado o sentimento no ofício de informar, afirmando sempre que deveria se pautar pela verdade dos fatos daquilo que era notícia, informação. Talvez sem saber estava ali, presente de forma pujante, toda sua emoção, a sua verdadeira paixão por fazer o bom e correto jornalismo. Pude comprovar isso nas oportunidades que tive de ser entrevistado por ele...

Discreto, ético, franco, íntegro, profissional. Daqueles profissionais que soube colocar todos os ingredientes do bom jornalismo, levando a notícia como ela é. Qualidades que o credenciam a ficar como um legado para colegas de profissão e estudantes de comunicação, notadamente aqueles da habilitação de Rádio e TV...

Não perde apenas o Grupo Mirante ou o Jornalismo nacional, mas a família e toda a sociedade, que ficará órfão da sinceridade de suas opiniões e comentários de todas as manhãs...

Já vi homenagens sendo feitas a outros profissionais. Justas, diga-se de passagem. Sem desmerecer quaisquer deles, Roberto Fernandes é daqueles que não merece apenas uma placa em uma sala ou auditório, mas sim no ponto alto da fachada de um prédio...

Comecei falando sobre um grande palco e assim encerro. Para Roberto Fernandes a vida era isso. Um grande palco sobre o qual se vive uma grande trama, com todas as emoções possíveis. Nesse jogo da vida, ele certamente vestia a bridadeira de capitão, diretor e roteirista no cumprimento de uma missão honrada sempre com a cabeça erguida... Ah, também falei de certeza. Ouso trazer mais uma antes de encerrar. A certeza de que sua história, seu legado, não terá Ponto Final. Seus ensinamentos serão seguidos por aqueles que, em tudo na vida, se dedicam com esmero e são conhecedores da sua verdadeira vocação neste plano concreto. Obrigado, Roberto Fernandes!




Bom Dia Sociedade
Nossa conversa de todas as segundas-feiras

Orquídea Santos
orquideafsantos@yahoo.com.br



Acesse nossa página no FACEBOOK, ORQUÍDEA SANTOS NA TV, ou através do google (@orquideafsantos) e veja os vídeos que fizeram sucesso durante a semana.



Tomou posse na sexta-feira (24) em sessão solene por videoconferência – considerando as medidas preventivas impostas pelas autoridades públicas de saúde para evitar a propagação da pandemia mundial do novo coronavírus - a nova Mesa Diretora do Poder Judiciário do Maranhão para o biênio 2020/2022. Na foto os desembargadores Paulo Velten (corregedor-geral da Justiça), Lourival Serejo (presidente do TJMA) e Bernardo Silva (vice-presidente) com o ex-presidente do TJMA, desembargador José Joaquim Figueiredo dos Anjos. O presidente Lourival Serejo destacou que pretende, junto aos novos vice-presidente e corregedor-geral da Justiça, alinhar sua gestão, fortalecida com a atuação do Ministério Público e da Defensoria Pública.

Duarte conquista na Justiça cobertura integral e sem limite de sessões de terapia ABA para pessoas com autismo

DIVULGAÇÃO

Neste semana, o deputado estadual Duarte Jr (Republicanos) informou que conseguiu na Justiça que os planos de saúde garantam a cobertura integral e sem limite de sessões de terapia ABA (Applied Behavior Analysis/ Análise do Comportamento Aplicada) para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

PÁG.3



Duarte afirma que a ACP surgiu após diálogo com pais e mães de crianças com autismo

Duarte conquista na Justiça a cobertura integral e sem limite de sessões de terapia ABA para pessoas com autismo

Neste semana, o deputado estadual Duarte Jr (Republicanos) informou que conseguiu na Justiça que os planos de saúde garantam a cobertura integral e sem limite de sessões de terapia ABA (Applied Behavior Analysis/ Análise do Comportamento Aplicada) para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A conquista aconteceu após o parlamentar ingressar com Ação Civil Pública, por meio do Ibedec - Instituto Brasileiro de Estudo e Defesa das Relações de Consumo, em março. A decisão do juiz titular da 1ª Vara da Infância e Juventude de São Luís, José Américo Abreu Costa, foi publicada em meio à pandemia de coronavírus e representa uma grande conquista para muitas famílias que lutam por esse direito, como afirma Poliana Gatinho, mãe do João Lucas, de 4 anos, autista. A ação foi fundamentada após reuniões realizadas com a presença de pais e responsáveis legais de crianças com autismo e com a participação do Procon/MA. Uma das principais reclamações se referia às

DIVULGAÇÃO



Duarte afirma que a ACP surgiu após diálogo com pais e mães de crianças com autismo

inúmeras negativas de cobertura da Terapia ABA pelos planos de saúde demandados. Em muitos casos, mesmo com relatório médico fundamentado solicitando a Terapia ABA como tratamento aos pacientes, diante de sua eficácia no desenvolvimento psicomotor e social das pessoas com autismo, os planos de saúde demandados sonegam este direito básico a esta parcela fragilíssima da população. Duarte explica que, conforme

informações levantadas nessas reuniões, as crianças, quando submetidas a intervenções regulares e perenes baseadas em ABA, mostram uma excelente evolução, potencializando seu comportamento na sociedade. “Mais uma vitória na defesa dos direitos das pessoas com autismo! Muito orgulho desta decisão, pois vai garantir um adequado atendimento e tratamentos às pessoas com autismo. Conquista de muitas

famílias que lutam por esse direito”, comemorou.

O parlamentar informa ainda que o artigo 196 da Constituição Federal elevou o direito à saúde ao status de garantia fundamental, direito que deve ser resguardado e respeitado por todos.

Poliana explicou que, atualmente, quando se chega a 40 sessões por ano (aniversário do plano, período no qual o convênio foi contratado), as sessões são limitadas. Como a terapia é diária, antes de 2 meses de atendimento as 40 sessões são atingidas. Com isso, as mães precisam entrar na Justiça para ter acesso à terapia e as crianças ficam um tempo considerado sem o tratamento, pois as decisões demoram.

“O autismo não tem alta médica. É um transtorno que precisa da terapia o tempo todo, então não tem como limitar. Com essa decisão, a vida de todas as mães será facilitada, pois não precisarão recorrer à Justiça para garantir seus direitos e estarão focadas em cuidar dos seus filhos”, ressaltou.